

Dizer sim à existência é o que podemos aprender — pelos caminhos da Arte — com Noemia de Araújo Varela e Nise Magalhães da Silveira¹

Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo^{ID}
(Universidade Federal de Pernambuco — UFPE, Recife/PE, Brasil)

Clarissa Martins de Araújo^{ID}
(Universidade Federal de Pernambuco — UFPE, Recife/PE, Brasil)

Ana Maria Tavares Duarte^{ID}
(Universidade Federal de Pernambuco — UFPE, Recife/PE, Brasil)

RESUMO — Dizer sim à existência é o que podemos aprender — pelos caminhos da Arte — com Noemia de Araújo Varela e Nise Magalhães da Silveira — Fragmentos da história de amizade entre duas mulheres é o tema deste misto de ensaio e artigo: uma arteducadora, Noemia de Araújo Varela, e a outra, psiquiatra rebelde, Nise Magalhães da Silveira. Ambas estudiosas do caráter terapêutico e pedagógico da Arte. Suas histórias de vida foram marcadas pela incessante busca de construir a escola e o hospital (psiquiátrico) sem muros, ou seja, uma arteeducação e uma psiquiatria que diz Sim à existência das diferenças; por isso sofreram tantas hostilidades. Tomamos de empréstimo a expressão “dizer sim à existência” da estudiosa do pensamento foucaultiano Margareth Rago, em seu belo ensaio nomeado “Dizer sim à existência” (2009), obviamente sobre o pensamento do filósofo francês Michel Foucault, pois compreendemos que Noemia Varela e Nise da Silveira viveram suas vidas intensamente, não hesitando frente às adversidades. Para concluir, apresentamos um olhar sobre a exposição *Com você meu mundo ficaria completo*, de certo modo como uma experiência filiada ao pensamento dessas duas grandes lutadoras por um mundo mais digno para todas as pessoas.

PALAVRAS-CHAVE

Dizer sim à existência. Exposição. História da Arteeducação. Nise da Silveira. Noemia Varela.

ABSTRACT — Saying yes to existence is what we can learn — through the paths of Art — from Noemia de Araújo Varela and Nise Magalhães da Silveira — Fragments of the history of friendship between two women is the theme of this mixture of essay and article: one an educator, Noemia de Araújo Varela and the other a rebel psychiatrist, Nise Magalhães da Silveira. Both were scholars of the therapeutic and pedagogical nature of Art. Their life stories were marked by the incessant search to build a school and a hospital (psychiatric) without walls, that is, an art education and a psychiatry that says Yes to the existence of differences. We borrow the expression "saying yes to existence" from Margareth Rago, a scholar of Foucauldian thought, in her beautiful essay entitled "Saying yes to existence" (2009), obviously about the thought of the French philosopher Michel Foucault, because we understand that Noemia Varela and Nise da Silveira lived their lives intensely, not hesitating in the face of adversity. To conclude, we present a look at the exhibition *Com você meu mundo ficaria completo*, in a way as an experience affiliated to the thought of these two great fighters for a more dignified world for all people.

KEYWORDS

Saying yes to existence. Exhibition. History of Art Education. Nise da Silveira. Noemia Varela.

RESUMEN — Decir sí a la existencia es lo que podemos aprender — por los caminos del Arte — con Noemia de Araújo Varela y Nise Magalhães da Silveira — Fragmentos de la historia de amistad entre dos mujeres es el tema de este ensayo mixto y artículo: una arteducadora, Noemia

de Araújo Varela y la otra psiquiatra rebelde, Nise Magalhães da Silveira. Ambas estudiosas del carácter terapéutico y pedagógico del Arte. Sus historias de vida estuvieron marcadas por la incesante búsqueda de construir la escuela y el hospital (psiquiátrico) sin muros, o sea, una arteducación y una psiquiatría que dice Sí a la existencia de las diferencias, por eso sufrieron tantas hostilidades. Tomamos en préstamo la expresión "decir sí a la existencia" de la estudiosa del pensamiento foucaultiano, Margareth Rago, en su bello ensayo llamado "Decir sí a la existencia" (2009), obviamente sobre el pensamiento del filósofo francés, Michel Foucault, pues comprendemos que Noemia Varela y Nise da Silveira vivieron sus vidas intensamente, sin vacilar ante las adversidades. Para concluir, presentamos una mirada a la exposición *Com você meu mundo ficaria completo*, en cierto modo como una experiencia afiliada al pensamiento de estas dos grandes luchadoras por un mundo más digno para todas las personas.

PALABRAS CLAVE

Decir sí a la existência. Exposición. Historia de la Arteducación. Nise da Silveira. Noemia Varela.

Foucault convida a libertar o acontecimento, considerando-o em sua própria temporalidade. Assim, a história é fundamental para esse pensamento filosófico, pois é ela que pode apreender as singularidades dos fenômenos humanos, vividos e lembrados. [...] Foucault pede que percebamos as singularidades, as diferenças que caracterizam as experiências humanas. [...] Foucault desconstrói os discursos lineares que estabelecem a continuidade histórica e permitem legitimar o presente (RAGO, 2009, p. 256).

O título deste amálgama de artigo e ensaio enfatiza que aprendemos com as nossas personagens – Noemia Varela e Nise da Silveira – sobre a coragem de viver *dizendo sim à existência*.

Tomamos, pois, de empréstimo a expressão “dizer sim à existência” da estudiosa do pensamento foucaultiano Margareth Rago, em seu belo ensaio nomeado, simplesmente, “Dizer sim à existência” (2009), obviamente sobre o pensamento do filósofo francês Michel Foucault, pois comprendemos que Noemia Varela e Nise da Silveira viveram suas vidas intensamente, não hesitando diante das adversidades.

Avisamos, desde já, que não pretendemos assumir uma narrativa linear e totalizante sobre as histórias dessas mulheres tão especiais, por partimos do pensamento de Rago (2009, p. 256), em mais uma interpretação do pensar de Foucault:

[...] esse filósofo-historiador pratica um outro modo de conhecer o passado, munindo-se de um olhar atento para o miúdo, o pequeno, os

detalhes e, portanto, sensível às singularidades das experiências humanas (RAGO, 2009, p. 256).

Ao estudarmos um pouco de suas histórias, fica evidente que tanto Noemia Varela quanto Nise da Silveira viveram suas experiências rebelando-se.

Também é necessário destacar que nossa ênfase recai sobre Noemia Varela, pois as três autoras deste texto foram de algum modo contaminadas pelos fazeres e pelos pensares noemianos.

Figura 1 – Dra. Nise da Silveira, na cadeira ao centro, e Dona Noemia Varela à sua direita no XII Congresso Internacional de Psicopatologia da Expressão e I Congresso Brasileiro de Psicopatologia da Expressão – Hotel Copacabana Palace – RJ, setembro de 1988



Fonte: Acervo pessoal Noemia Varela, 1988.

Eis alguns fragmentos de suas histórias – Noemia Varela (01/01/1917-13/01/2016) e Nise da Silveira (15/02/1905-30/10/1999)

Como o título da sequência indica, ressaltaremos pequenos fragmentos, destacando momentos de encontros entre elas, pois suas histórias em muito contribuíram para que o campo da Arteducação continue a apresentar-se como espaço vivo de estudo e pesquisa de forte caráter pós-colonialista, ou seja, um campo de conhecimento que possui como princípio o diálogo intercultural, no qual

os pensares e os fazeres das mulheres exercem um importante protagonismo. Acrescentamos que Noemia Varela e Nise da Silveira se dedicaram ao estudo e à pesquisa sobre os sofrimentos mentais, lutando por uma educação e uma psiquiatria que buscava na Arte a possibilidade de superação de tais sofrimentos.

Observamos, também, por meio do estudo de suas histórias, que Noemia Varela e Nise da Silveira não separavam rigidamente suas vidas pessoais de suas vidas profissionais. Por isso, ressaltamos que o lugar de encontro entre ambas foi a Escolinha de Arte do Brasil, revelado no prefácio, assinado por Letícia Maria Santos de Faria (Diretora-Geral do INEP), para o livro *Escolinha de Arte do Brasil* (1980), em dois trechos, que se complementam, a seguir:

Constitui a Escolinha de Arte do Brasil aquele exemplo de contínua integração de EDUCAÇÃO e CULTURA, de atuação cooperativa de dedicados mestres que uniram seus esforços, "engenho e arte", para possibilitar ao educando o complemento à escolaridade regular, tão necessário à natural e fértil expansão às energias e formas de ser das novas gerações. Educadores artistas, especialistas em diferentes técnicas, desenvolveram, sob uma influência familiar positiva, reforçada pela troca de idéias e experiências de grandes mestres, como Ulisses Pernambucano, Helena Antipoff, Herbert Read, Nise da Silveira e tantos outros, uma interação construtiva (FARIA, 1980b, p. 9).

Complementando esse pensamento, segue o segundo trecho:

Muita gente que contribuiu decisivamente para o trabalho da Escolinha deixou de ter aqui a sua colaboração devidamente analisada, por falta de registro. Depois, tratou-se de recolher os depoimentos de quem viveu a experiência desde o começo e/ou de quem ainda está dando sua contribuição para os novos rumos da Escolinha. E é claro que se deu destaque especial, pela sua amplitude, aos depoimentos de Augusto Rodrigues e Noemia Varela. Esses depoimentos (na íntegra) e partes dos de outros entrevistados constam, para servir de matéria-prima de novas pesquisas. Preferiu-se transcrever os depoimentos como foram dados, na riqueza da linguagem falada (FARIA, 1980a, p. 11).

Porém, não podemos esquecer: Noemia Varela e Nise da Silveira, cada uma a seu modo, tiveram que enfrentar os preconceitos de uma sociedade que não via com um olhar simpático as mulheres que escolhiam modos de pensar, agir e viver diferenciados dos padrões estabelecidos, isto é, mulheres que se propunham a ir além de uma figura que adornava a sala de visitas. Mesmo que de suas famílias

elas tenham recebido todo o apoio para a busca de conhecer, tal atitude não era comum na sociedade da época. Nem no campo da educação nem no campo da medicina.

As duas eram nordestinas: Noemia Varela nasceu em Macau, no estado do Rio Grande do Norte. Ainda criança, foi morar em Paulista e mais tarde mudou-se para o Recife. Formou-se em Pedagogia e foi trabalhar em uma escola pública para crianças anormais (nomenclatura da época). A referida escola existe até hoje e foi renomeada com o nome de um dos grandes psiquiatras de Pernambuco – Escola Ulisses Pernambucano –, psiquiatra que compreendia o valor terapêutico da Arte e a importância da arteducação.

Reconhecimento histórico: Noemia Varela, compreendida hoje como uma das precursoras da inclusão social e cultural das pessoas com deficiência, do ponto de vista da Arteducação, foi homenageada com seu nome no auditório da Escola Ulisses Pernambucano, na gestão das educadoras Altair Lustosa e Silva e Ana Maria Tavares Duarte – educadoras profundamente identificadas com os pensamentos e os fazeres noemianos.

No quesito homenagem, não podemos deixar de registrar o título de Doutora Honoris Causa (*in memoriam*), concedido pela Universidade Federal de Pernambuco, na gestão do reitor Anísio Brasileiro de Freitas Dourado e com o discurso panegírico proferido pelo professor Everson Melquiades Araújo Silva, do Centro de Educação, da UFPE, que também foi o autor da solicitação dessa comenda a Noemia Varela. O evento ocorreu no dia 12 de dezembro de 2018.

Nomeada por Ana Mae Barbosa como a grande mãe da Arteducação brasileira, por sua história de dedicação a esse campo de ensino e pesquisa, Noemia Varela é considerada a nossa Mestra-Mater. Nesse sentido, Sidiney Peterson, em seu texto *Dos percursos e presenças na formação da arteducadora Noemia Varela* (2019, p. 225), destaca como epígrafe o que afirma Cecília Conde,

professora e pesquisadora de música, com quem Noemia Varela trabalhou no Conservatório Brasileiro de Música. Diz Conde:

Noemia Varela foi a grande pensadora do Movimento Escolinhas de Arte. No que se refere aos aspectos educacionais, ela foi a grande cabeça do Movimento. Ela conhecia profundamente todas as teorias que eram importantes para uma formação de professores. Eu acho que era a pessoa mais representativa na parte teórica do movimento. Ela estudava muito muito e nos fazia estudar muito. [...] Noemia foi incrível até o fim (CONDE *apud* PETERSON, 2019, p. 225).

É interessante ainda ressaltar que Noemia Varela conheceu a Escolinha de Arte do Brasil em 1949 – um ano depois de seu surgimento –, em viagem ao Rio de Janeiro, capital federal, para participar de um Congresso da Sociedade Pestalozzi, viagem essa que mudou os rumos de sua vida pessoal e profissional, uma vez que possibilitou, também, conhecer mais de perto Helena Antipoff – fundadora da Sociedade Pestalozzi. Educadora russa, que trabalhava com crianças com deficiência e crianças abandonadas, Helena Antipoff havia sido convidada em 1929 pelo governo de Minas Gerais para contribuir com a Reforma de Ensino nomeada de Francisco Campos/Mario Casassanta.

O Movimento Escolinhas de Arte, que nasceu dos ideais filosóficos da Escolinha de Arte do Brasil, sempre manteve uma relação estreita com o campo da psiquiatria. Ainda em Recife, Augusto Rodrigues, criador da Escolinha de Arte do Brasil, junto com a professora de arte gaúcha Lúcia Alencastro Valentim e a escultora norte-americana Margareth Spencer – que, segundo Barbosa (2015), era estudiosa do filósofo John Dewey, cujo pensamento foi motivo de pesquisas e estudos tanto da própria Ana Mae Barbosa quanto de Anísio Teixeira –, mantinha uma amizade com Ulisses Pernambucano, que também era amigo de Noemia Varela. Vejamos a seguir um fragmento de um depoimento significativo de Noemia Varela (1980, p. 22):

[...] Ulisses Pernambucano, psiquiatra que fez grandes e significativas mudanças no campo da Psiquiatria Social em Pernambuco, enfocava a importância da Arte, da Antropologia, da Sociologia, no sentido lato e mesmo específico, no trabalho junto a doentes mentais. Reformulou toda a assistência a esses doentes, criando um corpo de auxiliares que lhe davam

apoio na área de Educação Especial. Fundou na década de 20 — entre 23 e 25 — a primeira escola de Educação Especial em Pernambuco. Anita Paes Barreto foi escolhida para ser a diretora dessa escola. Posteriormente, ela foi assistente dele na Liga de Higiene Mental de Pernambuco e em pesquisas, fazendo um trabalho muito importante — e isso tem a ver com o meu interesse em Arte e Educação. Foram padronizadas e feitas pesquisas no campo do desenho infantil, em decorrência da própria escola do psiquiatra Ulisses Pernambucano. ‘Nós trabalhávamos com uma equipe de médicos psiquiatras da escola de Ulisses. Ele influenciou toda uma geração de médicos que se espalharam pelo Brasil — Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo. Um deles era médico da minha escola e meu professor na universidade. Houve uma formação muito grande na área de compreensão da criança’ (VARELA, 1980, p. 23).

Interpretamos que a estreita relação da Arteducação com a psiquiatria tenha ocorrido porque, naquela época, não se separava a educação da saúde, tanto que havia uma Secretaria de Saúde e Educação. A compreensão era de olhar para o ser humano de maneira mais íntegra, dizia Noemia Varela.

Além disso, o próprio Movimento Escolinhas de Arte buscava estabelecer relações entre o pensamento de Herbert Read e o campo da psicologia e da psiquiatria. Nesse sentido, a relação de Noemia Varela com Nise da Silveira tornou-se mais estreita, pois elas estudavam Read e se dedicavam ao estudo de Carl Gustav Jung, ou seja, ambas estudavam os mesmos autores e haviam se comprometido com as dores e as alegrias das pessoas consideradas, pelos padrões de normalidade da época, como loucas.

Uma outra viagem importante na vida de Noemia Varela: em suas buscas de aprofundamento no campo da Arteducação, candidatou-se a uma bolsa de estudos para a Inglaterra – ela gostava de lembrar o que aprendeu nesse curso, organizado pelo próprio Herbert Read –, enfatizando que Read fez a conferência de abertura do curso e que ela conheceu a tradução do pensamento dele nas salas de aula inglesas.

Já com relação ao pensamento de Carl Gustav Jung, talvez, possamos dizer, que um dos pontos de diálogo entre Noemia Varela e Nise da Silveira seja o estudo das mandalas. Assim, não é por acaso que Noemia Varela, durante o tempo

em que morou no Rio de Janeiro, tenha participado ativamente do Grupo de Estudos Carl Gustav Jung e, também, feito sua formação no Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro (RJ).

Lembramos que em sua atuação na Escolinha de Arte do Recife (em sua volta a Recife, nos anos de 1990), muitos de nós participamos de apresentações de estudos de caso elaborados por Noemia Varela, tendo como ancoragem o pensamento de Jung e de Nise da Silveira.

Sobre a história de Nise da Silveira: nasceu na cidade de Maceió, no estado de Alagoas, em uma família que fazia parte da aristocracia local. Filha única (assim como foi Noemia Varela), sua família gostava de arte, tanto que sua mãe era pianista. Seu pai era professor de Matemática. Ela conta que nunca sofreu dos pais nenhum tipo de repressão quanto ao gosto pelo conhecimento e que sempre teve singular interesse pelos estudos.

Há um detalhe muito interessante em destaque no livro *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde*, de autoria de Luiz Carlos Mello (2014, p. 47), quando ela relata:

Talvez o hábito de escrutar o olho do esquizofrênico venha do meu pai, que ficava fitando o olho dos alunos. Ele dizia que não há nada mais revelador do que o olho de quem não entende. Tive bom ambiente de estudo, em casa. Estudo como festa. Estudar era festa. Estudar era o máximo (MELLO, 2014, p. 47)

Portanto, não é por acaso o fato de Nise da Silveira ter sido aprovada para a Faculdade de Medicina da Bahia, como a única mulher em um grupo de 157 homens, entre esses Mário Magalhães, com quem mais tarde casou-se. Na ocasião do exame para o curso de Medicina, Nise da Silveira tinha apenas 16 anos.

Durante toda a sua vida, buscou uma psiquiatria mais próxima da cura pela arte, rejeitando os métodos invasivos e degradantes do ser humano praticados na época. Citamos, nesse sentido, novamente o livro de Mello (2014, p. 125) sobre Nise da Silveira, especialmente no trecho em que ela critica a arquitetura

hospitalar: “A ausência de interesse da psiquiatria pelos problemas de espaço torna-se patente na arquitetura hospitalar. É uma arquitetura feia, fria, rígida. Dá reforço ao medo, ao sentimento de estar isolado de tudo”. Isso significa dizer que Nise da Silveira desejava recriar a psiquiatria, levando o pensamento de Jung como possibilidade de lidar com os sofrimentos mentais de maneira mais respeitosa.

Pensamos, assim, que a aproximação entre Noemia Varela e Nise da Silveira teve como cenário a Escolinha de Arte do Brasil, como já enfatizamos. Entretanto, é evidente que o encontro entre elas foi motivado pelo respeito e pelo comprometimento com as pessoas com deficiência. A primeira, buscando pelos caminhos da Arteducação e a segunda, por meio da psiquiatria, ambas com o intuito de estabelecer uma relação mais respeitosa com o Outro/Diferente, isto é, longe dos métodos invasivos difundidos e utilizados na época, tanto na escola quanto no hospital.

Nise da Silveira queria um hospital com Arte, Noemia Varela queria uma escola com Arte. Essas mulheres rebeldes sonhavam e lutavam por escolas e hospitais sem muros, porque a vida necessita de liberdade para realizar-se. Cabe aqui lembrar o pensamento do filósofo Guilherme Castelo Branco (2009, p. 145) interpretando a ideia de *estética da existência* de Michel Foucault: “Talvez se deva entender uma estética da existência como um dos caminhos possíveis, dentre outros, pelos quais pessoas realizam estilos de vida não-conformados”.

As posturas de Noemia Varela e Nise da Silveira quanto ao comprometimento com o Outro/Diferente foi sempre na direção de um estilo de vida não conformado. Reafirmamos, também, mais uma vez, que no contexto da Escolinha de Arte do Brasil o autor que possibilitou o encontro entre nossas personagens foi o poeta e pensador anarquista britânico Herbert Read, autor do famoso livro *Educação pela Arte* (1958), até hoje uma referência para o campo da Arteducação, pois elas foram grandes estudiosas do autor que alimentou o ideário

do Movimento Escolinhas de Arte, movimento arteducativo desencadeado a partir da Escolinha de Arte do Brasil.

Sobre a fortuna de Noemia Varela e Nise da Silveira

Noemia Varela sempre se afirmou como uma *franciscana descalça*, cuja riqueza maior era sua coleção de livros e revistas de arte, arteducação, filosofia e psicanálise. Ela nunca comprou casa; enquanto viveu no Rio de Janeiro morava em um apartamento alugado e, quando voltou para Recife, nos anos de 1990, foi morar com uma prima e um primo.

Nise da Silveira, no momento em que Noemia Varela se aproximou mais, tinha um apartamento para os livros, o Grupo de Estudos e gatos e morava em outro no mesmo prédio. Mas a fortuna de uma e de outra era o estudo, era a busca de aprofundamento por meio do pensamento artístico e filosófico sobre os mistérios da psique.

Noemia Varela e Nise da Silveira, portanto, foram pessoas que ousaram ter sonhos, ideais... e esses ultrapassavam o destino preestabelecido pela sociedade admitido para as mulheres, isto é, elas ousaram construir o caminho de suas vidas na trilha dos estudos, na busca de saber mais. E foram ainda mais longe: desafiaram as epistemologias da tradição, que colocavam o poder de pensar e agir por meio do saber como um direito dos homens. Elas foram, nesse sentido, tidas como rebeldes, o que, do nosso ponto de vista, é uma qualidade. A prisão de Nise da Silveira pode ser pensada como uma maneira de “castigo” por ter vivido seu desejo... Noemia Varela voltou para Recife muito triste e com uma forte depressão causada por algo que ela nunca contou... e recuperou-se pelo prazer de ir trabalhar todas as tardes na Escolinha de Arte do Recife.

Naquela ocasião, a escolinha, expressão da própria Noemia Varela para nomear o local, que ajudou a criar juntamente com Augusto Rodrigues, era, na

verdade, expressão de seu sonho de uma escola sem muros... local de criação e recriação da vida por meio da arte...

Entretanto, imaginamos o que sofreram essas mulheres na busca de construir seus modos de atuar no mundo como *seres pensantes*. Cabe destacar, nesse sentido, o pensamento de outra mulher, Ana Mae Barbosa, que, como ela mesma faz questão dizer: tive mãe intelectual, referindo-se a Noemia Varela. Ana Mae Barbosa, em seu livro mais recente, organizado com Vitória Amaral, apresenta trabalhos de pesquisa que partem de epistemologias descolonizadoras, enfatizando o papel das mulheres no campo do ensino da Arte e do Design. Nesse livro intitulado, *Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação* (2019, p. 72), Ana Mae Barbosa evidencia:

Venho me interessando há muito tempo pela análise do reconhecimento das mulheres na Arte, e verificando que os países onde são mais reconhecidas são exatamente os mais democráticos. [...]. As democracias tendem a estimular e reconhecer a importância da participação profissional e do pensamento das mulheres na sociedade.

A paixão dessas duas mulheres pela busca de saberes é chama e pode ser interpretada por meio do que afirma Carl Gustav Jung (*apud* SILVEIRA, 2015, p. 116):

Esta pequena chama era minha consciência, a única luz que eu possuo. A compreensão que posso ter das coisas é o único tesouro que possuo, e o maior. Embora infinitamente pequena e frágil, comparada aos poderes da escuridão, é uma luz, minha única luz (JUNG, *apud* SILVEIRA, 2015, p. 116).

Tal compreensão de Jung, destacada do livro de Nise da Silveira, leva-nos a compreender o quanto somos consciência e essa, como chama, por menor que seja, reflete o modo como pensamos o mundo e seus desafios – é uma luz, nossa única luz. É, pois, o modo poético e filosófico encontrado por Jung de dizer da contradição entre o pequeno e grande.

Dizer SIM à existência...

... é o que aprendemos, por meio da arte de viver rebelando-se, com Noemia Varela e Nise da Silveira. As singularidades de suas vidas e a tentativa de colocar em diálogo fragmentos de suas histórias a partir do pensamento de Foucault, interpretado por Rago, levou-nos a assumir de antemão que jamais conseguiríamos abranger a grandiosidade do viver dessas duas grandes mulheres.

E para ressaltar que essas aprendizagens possuem uma história, resolvemos citar um pequeno texto escrito por um dos autores deste misto de artigo e ensaio, sobre a exposição *Com Você Meu Mundo Ficaria Completo*.

Figura 2 – Noemia Varela e um dos estudantes, ladeada por Ana Maria Duarte e Altair Lustosa. Ao fundo, o Mural Cartemas de Aloísio Magalhães



Fonte: Acervo pessoal Ana Maria Duarte, 2001.

Pelo menos, naquele momento histórico, causava espanto para o senso comum um museu abrir suas portas para expor o trabalho de arte elaborado por estudantes de uma escola pública de educação especial.

A referida exposição aconteceu no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), museu da cidade do Recife que possui uma agenda sempre lotada.

Noemia Varela foi para abertura da exposição, como podemos observar nas fotos. Ela conversou muito com Fátima Bulcão, sempre elogiando o árduo trabalho desenvolvido pela arteducadora, além de ressaltar a qualidade estética e artística das produções.

Segundo a própria Fátima Bulcão, esse trabalho foi de extrema importância em sua vida pessoal e profissional. A seguir, ressaltamos o texto elaborado por Fernando Azevedo (1998):

A exposição *Com Você Meu Mundo Ficaria Completo* pode ser apresentada como um convite para pensarmos a arte elaborada por minorias; nesse sentido, ela é complexa por exigir do público/leitor um olhar multicultural – olhar que respeita os variados modos de construção cultural e que enriquece ao ser capaz de possibilitar o diálogo com a diferença.

Diria também que esta exposição, por possuir um profundo caráter pedagógico/poético, leva o leitor a vislumbrar os segredos da vida.

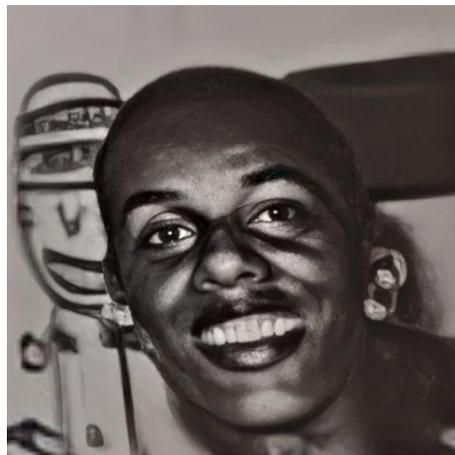
Fátima Bulcão, arteducadora, que sonhou e concretizou essa exposição juntamente com Altair Lustosa, Ana Maria Duarte e demais professoras e funcionários da Escola de Educação Especial Ulisses Pernambucano, diz que há dois temas recorrentes nas produções dos artistas: o coração e a casa. O coração, como representação do território das aprendizagens afetivas, do amor, da possibilidade do diálogo; a casa, como representação da organização espacial que guarda pessoas e suas histórias, por isso impregnado de memórias.

É, portanto, na relação dialética entre o coração/afeto e a casa/proteção que nascem possíveis olhares sobre a exposição.

O percurso da exposição conta histórias que se traduzem nas composições visuais destes jovens (artistas?) que alçam seus primeiros voos no mágico e desafiador universo da Arte.

Se isso tudo não bastasse para indicar essa exposição, como instigante desafio ao pensar a Arte, o seu ensino e sua História, devo realçar que ela é também uma seta nos indicando o caminho de uma sociedade inclusiva. Inclusão que estamos construindo passo a passo, por meio da concepção de Arteducação que emancipa e liberta, à medida que respeita os variados modos de construções culturais das minorias.

Figura 3 – Albert, aluno/artista da Escola Ulisses Pernambucano na Mostra *Com você meu mundo ficaria completo*



Fonte: MAMAM, 2001.

Sendo uma exposição que evidencia a celebração festiva do cotidiano do Ateliê de Arte, penso que é necessário retomar a História da Arteducação Especial.

Fátima Bulcão, de alguma maneira, nessa exposição, traz para os dias de hoje a história iniciada no século passado, uma história que marca o papel pioneiro de Noemia Varela [e de certo modo, também, o de Nise da Silveira, pois, como tentamos enfatizar ao longo do texto, Noemia Varela buscou estudos junto ao

trabalho desenvolvido por Nise da Silveira]. Fátima Bulcão recria, hoje, ideias e fazeres noemianos.

Retomar a história nos remete à pesquisadora da História da Arteducação do nosso país Ana Mae Barbosa (1996, p. 11), quando ela afirma que “A história é importante instrumento de auto identificação”. Ana Mae ressalta ainda que devemos enaltecer, respeitar nossos heróis e heroínas. Noemia Varela é uma de nossas heroínas por sua inteligência, sensibilidade, por sua dedicação e espírito aberto aos estudos, pela coragem de ser aprendiz aos 80 anos, ensinando para cada um de nós a beleza de inventar/reinventar cada dia, como se cada um deles fosse todo um universo de sutilezas a serem descobertas. É assim que nossa mestra pensa as obras de arte, a estética do cotidiano e o pensar/fazer estético e artístico de seus alunos/aprendizes.

Para ler esta exposição, precisamos dos ensinamentos de Noemia Varela [insistimos: e também de Nise da Silveira, por ser evidente que havia um diálogo intelectual entre elas, além do profundo respeito ao Outro/Diferente] a fim de construir um olhar sensível e inteligente sobre cada trabalho exposto, olhar que busca o ângulo das potencialidades humanas, desvelando o desejo instalado nesses artistas, de quebrar limites, reinventar a Arte, o mundo, instigando-nos a relações mais amplas, respeitosas e ricas com a diversidade.

Ao revelar corações e casas em forma de pintura, desenho e instalação, esses jovens arteducados se revelam múltiplos em sua produção, por isso devemos visitar essa exposição, atentos às secretas nuances de cada produção. Advirto ao público que *Com você meu mundo ficaria completo* é um convite ao rico exercício de saber lidar com a diversidade cultural que pulsa das produções expostas – convite amoroso ao diálogo.

Oferecemos, a seguir imagens da Exposição *Com você meu mundo ficaria completo*.

Figura 4 – Desenho dos alunos da Escola Ulisses Pernambucano na mostra *Com você meu mundo ficaria completo*



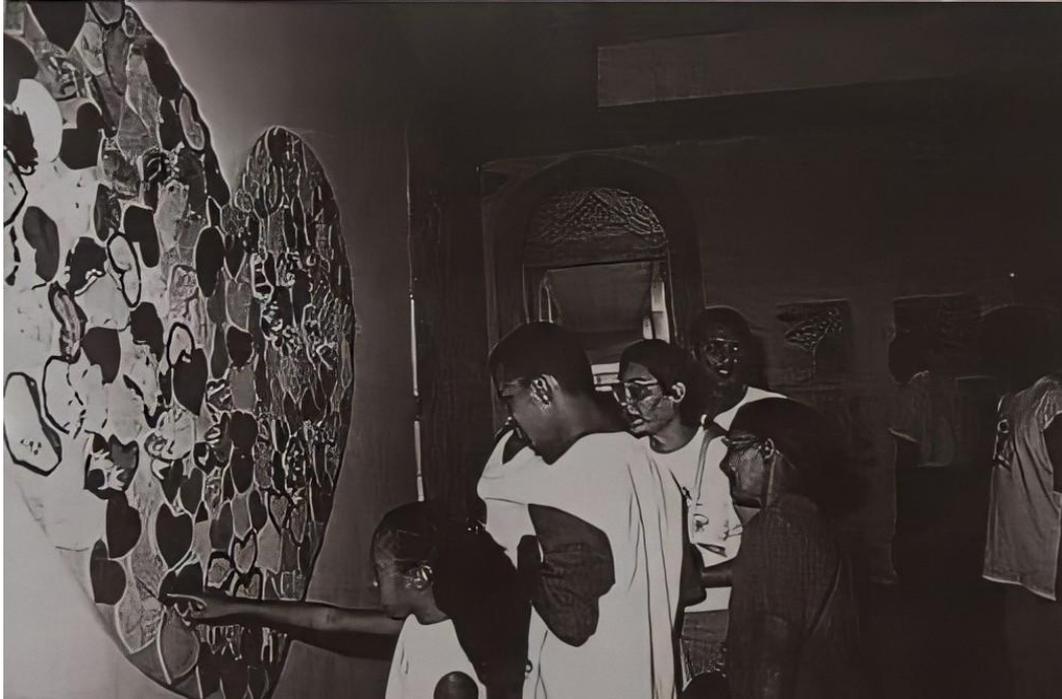
Fonte: MAMAM, 2001.

Figura 5 – *O Pássaro de Albert*, escultura tridimensional no teto feita a partir do desenho do aluno da Escola Ulisses Pernambucano Albert na mostra *Com você meu mundo ficaria completo*



Fonte: MAMAM, 2001.

Figura 6 – Casa e Coração, obra elaborada a partir dos desenhos de Carlos José da Silva e participação dos demais alunos da Escola Ulisses Pernambucano na mostra *Com você meu mundo ficaria completo*



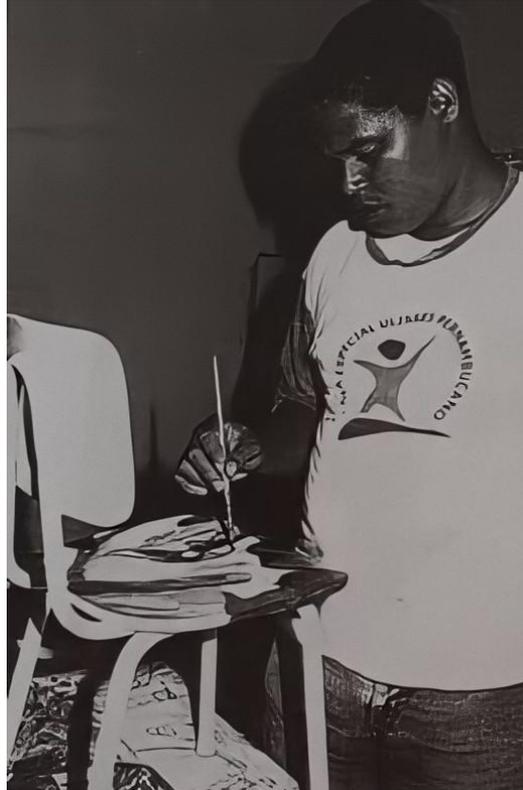
Fonte: MAMAM, 2001.

Figura 7 – Mauro e Diógenes produzindo para a mostra *Com você meu mundo ficaria completo*



Fonte: MAMAM, 2001.

**Figura 8 – Diógenes de Paula Lopes - Pintura de móveis na mostra
*Com você meu mundo ficaria completo***



Fonte: MAMAM, 2001.

Aprendemos, portanto, com Noemia Varela e Nise da Silveira, a dizer sim à existência por meio dos caminhos da Arte.

Nota

- ¹ Agradecemos ao professor Everson Melquiades Araújo Silva pelas informações sobre a concessão do título de Doutora Honoris Causa a Noemia de Araújo Varela. Título concedido pela Universidade Federal de Pernambuco por solicitação do Centro de Educação. Também agradecemos ao referido professor pela fotografia de Noemia Varela e Nise da Silveira (acervo da Escolinha de Arte do Recife). Um outro agradecimento, muito significativo para a construção deste texto, dirigimos à professora Fátima Bulcão, pois ela nos cedeu todo o material (imagens e textos de seu acervo pessoal) sobre a exposição *Com Você Meu Mundo Ficaria Completo*. Fátima Bulcão fez a curadoria dessa exposição, levando o trabalho de estudantes da Escola de Educação Especial Ulisses Pernambucano para o Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (Mamam). Ao longo do texto, aprofundamo-nos um pouco sobre esses dois temas.

Referências

- AZEVEDO, Fernando A. Gonçalves. Multiculturalidade: Linguagens Artísticas e o Público Especial. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL ARTE SEM BARREIRAS*, 1., Caderno de Textos 2, 1998, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Programa Very Special Arts, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória. (org.) *Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação*. São Paulo: Cortez, 2019.
- BRANCO, Guilherme Castelo. Uma leitura não-fascista de Michel Foucault. *In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. (org.). Para uma vida não fascista*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, v. 1, p. 143-152.
- MELLO, Luiz Carlos. *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Automática, 2014.
- FARIA, Letícia Maria Santos de. Introdução. *In: RODRIGUES, Augusto (org.) Escolinha de Arte do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1980a. p.11-12.
- FARIA, Letícia Maria Santos de. Prefácio. *In: RODRIGUES, Augusto (org.) Escolinha de Arte do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1980b. p.9-10.
- PETERSON, Sidiney. Dos percursos e presenças na formação da arteducadora Noemia Varela: tópicos de uma trajetória. *In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (org.). Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação*. São Paulo: Cortez, 2019.
- RAGO, Margareth *In: RAGO; VEIGA-NETO, Alfredo (org.) Para uma Vida Não Fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Estudos Foucaultianos).
- SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- VARELA, Noemia. Depoimento. *In: RODRIGUES, Augusto (org.) Escolinha de Arte do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1980.

Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Artes pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Ensino da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), especialista em Artes Cênicas pela UFPE e graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Professor do curso de Pedagogia na Unidade Acadêmica de Garanhuns da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/UAG). Participa do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte – GEARTE, DGP/CNPq – e do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Arte e Inclusão – GEFAI, DGP/CNPq.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4700-2161>

E-mail: f_azevedo@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6665135954352936>

Clarissa Martins de Araújo

Doutora em Sciences de L'education – Universite Toulouse – Jean Jaurès (2000) e Pós-doutorado na Universidade Toulouse – Jean Jaurès (2017). Atualmente, é professora associado 4 do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora da Linha de Pesquisa Formação de Professores e Prática Pedagógica, do PPGE, com ênfase em estudos sobre a Educação Inclusiva. Está vinculada ao Grupo Formação de Professor e Profissionalização Docente, DGP/CNPq.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4918-0175>

E-mail: clarissa.araujo@yahoo.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2395569396317875>

Ana Maria Tavares Duarte

Doutora em Psicologia pela Universidade de Deusto, Bilbao, Espanha (2004). Possui graduação em Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE, 1980). Atualmente, é professora adjunta IV da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste. Leciona as disciplinas de Educação Especial e Gênero e Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial, Psicologia Cognitiva, Educação Escolar Indígena, Gênero, Diversidade e Inclusão Social e Direitos Humanos. É vice-coordenadora da Licenciatura Intercultural Indígena e representante do Conselho da Licenciatura Intercultural Indígena. Coordenadora de área do Pibid Diversidade – Capes – subprojeto de Educação Inclusiva. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Inclusão Social e Direitos Humanos.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3373-5105>

E-mail: familliaduarte@uol.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1803844180526693>

Recebido em 23 de fevereiro de 2021

Aceito em 15 de abril de 2021